Dia 2 — Os Santos Marcelino, Pedro e Erasmo, vulgarmente São Telmo, Mártires

Era São Marcelino presbítero da Igreja de Roma, e São Pedro exorcista da mesma, pelo fim do terceiro século e princípio do quarto. A eminente virtude de Marcelino e a santidade de seu exorcista brilhavam tanto naquela capital do mundo que não podiam esconder-se à perseguição de Diocleciano, em um tempo em que todos os lugares estavam tintos do sangue dos mártires. O grande poder que o santo exorcista exercia sobre os demônios irritou todo o inferno, e este moveu contra São Pedro todo o furor dos gentios. Por sua muita reputação, por seu grande zelo e por seus contínuos milagres foi acusado diante de Sereno como o maior inimigo dos deuses. Foi preso e encerrado num escuro calabouço, depois de ter sido muitas vezes despedaçado seu corpo com açoites cruelíssimos.

Assombrou os próprios pagãos a alegria que o generoso mártir mostrava nos tormentos, sofrendo-os com um semblante aprazível, modesto e sempre risonho. Ouviam-no cantar de dia e de noite louvores ao Senhor, no meio de sua horrorosa prisão, carregado de ferros, estando seu santo corpo feito todo uma chaga. Observou um dia que o carcereiro, chamado Artêmio, sempre que descia ao calabouço se mostrava triste e lacrimoso, manifestando no semblante a amargura que afligia seu coração. Perguntou-lhe que coisa era a que tanto o desconsolava. «Choro (disse Artêmio) a desgraça de uma filha minha, a quem amo ternamente, e não acho remédio nem alívio para seus males. Há anos que está possuída de um demônio que a atormenta horrivelmente, obrigando-a a fazer espantosas contorções, e agora mesmo a deixei em tão lastimoso estado.»

«Pois, se não te aflige outra coisa, respondeu o santo, fácil será consolar-te.» «Mas como?», replicou o carcereiro. «Livrando tua filha desse demônio», respondeu São Pedro. «Isso é bem certo, disse Artêmio; mas que homem ou que deus será capaz de fazer esse milagre?» «Eu, respondeu o santo exorcista, pela virtude de meu Senhor Jesus Cristo, único Deus verdadeiro, a quem adoro e a quem sirvo.» Ouviu com riso e com lástima esta resposta o carcereiro, e replicou-lhe como zombando: «Segundo isso, muito simples ou muito louco és em não valer-te do grande poder desse teu Deus e Senhor para livrar-te das cadeias e do calabouço.» «Conheço quanto vale este calabouço e estas cadeias, respondeu o santo exorcista, e estou muito longe de desejar ver-me livre delas; nem o grande amor que me tem meu divino Salvador permitiria que eu me privasse de

tão preciosa coroa. Nos tormentos está toda a fortuna dos cristãos.» «Pois olha, interrompeu-o Artêmio: se queres que eu creia nesse teu Deus e no grande poder que lhe supões, rompe tu mesmo as cadeias; abre o calabouço, passa pelo meio do corpo de guarda que está à porta e procura-me esta noite em meu quarto.» Dito isto, voltou-lhe as costas com uma espécie de desprezo e retirou-se para sua casa.

Mal entrou nela, disse a sua mulher: «Venho de visitar os presos e deixo no calabouço um pobre moço cristão, a quem os tormentos e a prisão transtornaram a cabeça; mas sua loucura é muito graciosa: diz que, pela virtude de Jesus Cristo, seu Deus, livrará do demônio nossa filha Paulina.» «Mas que loucura há nisso, ou que se arrisca em fazer a prova?», respondeu Cândida, que assim se chamava a mulher de Artêmio. «A loucura, replicou este, consiste em que, havendo-lhe eu pedido, como prova da virtude de seu Deus, que viesse esta noite procurar-me em meu quarto, o pobre moço mo prometeu, ainda que lhe dobrei as prisões e a guarda.» «Se ele cumprir sua palavra, respondeu Cândida, será boa prova de que não há outro Deus verdadeiro senão o seu.» «Tão louca me pareces tu como ele, replicou Artêmio; ainda que Júpiter e todos os nossos deuses se empenhem em livrá-lo das cadeias e em tirá-lo do calabouço, não o poderiam conseguir.» Ia-se acalorando a conversa quando São Pedro, livrado milagrosamente das prisões, deixou-se ver na porta do quarto, vestido de branco e com um crucifixo na mão. Ficaram atônitos Artêmio e Cândida; voltam a si, arrojam-se a seus pés, desfeitos todos em lágrimas, e clamam a gritos que não há outro Deus verdadeiro senão o Deus dos cristãos. Acode Paulina ao ruído; ajoelha-se diante do santo e, não podendo sofrer sua presença o demônio que a atormentava, sai de seu corpo raivando e gritando: «Ó Pedro, a virtude de Jesus Cristo que está em ti me lança fora de minha casa e me obriga a deixar livre o corpo desta donzela.»

Correu logo a voz de tão estupenda maravilha; encheu-se a casa de vizinhos e de parentes que, sendo testemunhas de um fato tão milagroso, tomados de assombro e de admiração, pediram todos o batismo. Inundado São Pedro de um suavíssimo consolo à vista de tantas conversões, saiu logo a procurar o presbítero Marcelino, o qual, havendo-lhes explicado os principais mistérios da fé e vendo-os todos na melhor disposição, administrou-lhes o sacramento por que tanto suspiravam; e Artêmio, não cabendo em si de gozo por ver-se já cristão, foi às prisões, ofereceu a liberdade a todos os que quisessem batizar-se e deu-a a todos os cristãos.

Por ter adoecido então o vigário Sereno, tiveram tempo e liberdade São Marcelino e São Pedro para instruir, por espaço de cinquenta dias, os novos cristãos, preparando-os e fortalecendo-os para receber a coroa do martírio. Logo que o vigário convalesceu, chamou Artêmio e mandou-lhe trazer à sua presença todos os prisioneiros. «Senhor, respondeu o alcaide, as prisões estão de todo vazias, porque Pedro, exorcista dos cristãos, rompeu as cadeias de todos os que por vossa ordem estavam nos calabouços e abriu-lhes as portas do cárcere pela virtude onipotente de Jesus Cristo; à vista de cujo milagre todos abraçamos a fé, todos nos fizemos cristãos, recebendo o santo batismo; e só o presbítero Marcelino, Pedro, seu exorcista, e eu estamos à vossa disposição.»

Saiu fora de si o vigário com a resposta de Artêmio e mandou que ali mesmo lhe despedaçassem as carnes com uns ramais armados de bolinhas de chumbo, a cujo tormento não poderia sobreviver sem particular milagre. Fez depois vir São Marcelino à presença de São Pedro e disse aos dois: «Disponde-vos para ser tratados da mesma sorte, depois do que acabais de ver executar,

se neste mesmo ponto não ofereceis incenso a nossos deuses imortais, renunciando a esse vosso Jesus Cristo.» «Não permita Deus, respondeu Marcelino, que cometamos jamais tão sacrílega impiedade; não há mais que um só Deus verdadeiro, e reconhecer outro por tal é a maior de todas as loucuras. Pela virtude poderosa deste Deus fizeram-se em pedaços as cadeias dos que tínheis no cárcere e abriram-se as portas das prisões; não queirais imputar-nos a delito esta maravilha; antes reconhecei por ela que não há outro Deus senão o Deus dos cristãos.»

Já não pôde conter mais a cólera Sereno; e, mandando espancar cruelmente Marcelino, quando viu moído todo o seu corpo, ordenou que o conduzissem a um tenebroso calabouço e o deixassem estendido no chão sobre cacos de vidro, sem água nem alimento, para que morresse de dores e de fome. São Pedro foi levado a outra prisão, onde o deixaram com fortes grilhões nos pés e com todo o corpo atormentado. Mas a mesma poderosa mão que havia posto em liberdade os outros santos confessores libertou também nossos invictos mártires. Naquela mesma noite entrou um anjo no calabouço onde estava Marcelino e, fazendo em pedaços as cadeias, ordenou-lhe que tomasse suas vestes; conduziu-o à prisão do exorcista Pedro, livrou-o dos grilhões, curou a ambos e levou-os à casa onde estavam os novos cristãos em oração, em cuja companhia se mantiveram alguns dias, confirmando-os na fé e dispondo-os para o martírio.

Quando soube Sereno que Marcelino e Pedro haviam desaparecido do cárcere, descarregou contra Artêmio todo o seu furor. Mandou que ele, Cândida, sua mulher, e Paulina, sua filha, fossem levados ao templo de Júpiter e, não querendo oferecer-lhe sacrifício, sem dilação fossem enterrados vivos, cobrindo-os de pedras numa profunda cova que se abriu a seus próprios pés, com cujo tormento em breve tempo consumaram seu martírio. Quando os conduziam ao suplício, iam diante deles São Marcelino e São Pedro com muitos outros cristãos, acompanhando-os como em triunfo; mas Deus premiou logo seu zelo e seu fervor, porque, voltando a prendê-los, foram logo degolados por sentença de Sereno.

Por temer-se alguma sedição, executou-se a sentença a uma légua fora de Roma, num lugar que então se chamava a Selva Negra e depois, em memória dos santos mártires, a Selva Branca; e receberam a coroa do martírio pelo ano de 304. Lançaram seus santos corpos num profundo abismo, onde estiveram ocultos até que os mesmos mártires o revelaram a uma piedosa mulher chamada Lucina, a qual os retirou dali e lhes deu decente sepultura.

No tempo do imperador Luís Pio, pelos anos de 826, foram trasladadas de Roma a Michelstadt, na Alemanha, as relíquias de São Marcelino e São Pedro, e dali, no ano de 827, o foram segunda vez a Mulinheim, sendo colocadas na abadia que hoje se chama de Seligenstadt.

Santo Erasmo, Bispo e Mártir

No mesmo dia faz a Igreja a comemoração de Santo Erasmo. Nasceu no Oriente e, por sua grande virtude, foi elevado à dignidade de bispo pelo fim do terceiro século, sendo-o de uma igreja pertencente ao patriarcado de Antioquia. Como a cruel perseguição de Diocleciano desolava todo o país, retirou-se nosso santo a um deserto do monte Líbano, onde fez uma vida tão pura, tão

mortificada e tão exemplar que admirou todo o país. Respeitavam-no até os próprios brutos, e muitas vezes o viram rodeado de feras, que, prostradas a seus pés, obedeciam à sua voz. À sua presença fugiam os demônios dos corpos, e com sua bênção ficavam sãos os enfermos.

Voltou a Antioquia, onde converteu à fé grande número de gentios, fazendo-se seu nome tão famoso que o imperador Diocleciano teve vontade de vê-lo. Ficou admirado quando viu sua compostura, sua gravidade e sua modéstia, e não poupou diligência alguma para ganhá-lo. Mas, desenganado de que perdia o tempo e advertindo que suas respostas faziam impressão no ânimo dos próprios pagãos, mandou que lhe fizessem sofrer todos os tormentos juntos. Executou-se a ordem com rigor: foi primeiro espancado, depois moído a golpes, em terceiro lugar açoitado com chumbadas, que fizeram uma só chaga de todo o seu corpo; lançaram sobre ele resina, enxofre, chumbo derretido, pez, cera e azeite fervendo, sem receber lesão alguma. Invocava sem cessar os santos nomes de Jesus e de Maria no meio dos tormentos, e eles lhe mitigavam a dor e lhe curavam as feridas. A esta maravilha seguiu-se um terremoto muito violento; e, movido o povo de tantos prodígios, começou a gritar que se pusesse em liberdade o santo bispo. Atemorizado o imperador, mandou que o levassem ao cárcere, de onde o tirou milagrosamente um anjo, ordenando-lhe que se embarcasse para a Itália. Aportou às costas de Nápoles, retirou-se a Formias, onde fez grandes conversões e obrou grandes maravilhas, com que se fez célebre seu nome.

Sabedor o imperador Maximiano dos prodígios que obrava aquele estrangeiro, soube que era cristão e bispo. Mandou prendê-lo; e, admirado de seu zelo e de sua constância e do ardente desejo que tinha do martírio, fez que lhe despedaçassem as carnes com unhas de ferro; vendo-o inflexível, mandou que o metessem numa caldeira de pez e azeite fervendo, a qual, com o sinal da santa cruz, converteu-se num fresco e delicioso banho. Confuso o imperador por ver-se vencido, deu ordem de que o encerrassem num lôbrego calabouço, com determinação de fazê-lo padecer novos tormentos; mas naquela mesma noite lhe apareceu São Miguel, tirou-o do cárcere e o trasladou a Formias, cidade marítima da antiga Campânia, entre Gaeta e Minturno, onde hoje está Mola, na Terra de Lavoro. Anunciou o santo a fé a todos aqueles povos, foi seu apóstolo e, depois de muitos milagres e trabalhos, cheio de dias e de merecimentos, subiu ao céu a receber a coroa do martírio no dia 2 de junho do ano 303. Esteve em Formias o santo corpo até o século nono, em que foi destruída a cidade pelos sarracenos, e pelos anos de 840 foi trasladado a Gaeta, onde se conserva hoje com muita fé e igual veneração. Tornaram-no célebre em todas as partes do mundo os grandes prodígios que o Senhor obra pela intercessão do santo. É o terceiro dos quinze patronos do Ocidente, isto é, dos santos tutelares que se invocam nos maiores perigos; são, por esta ordem: São Jorge, São Brás, Santo Erasmo, São Pantaleão, São Vito, São Cristóvão, São Dionísio, São Ciríaco, São Acácio, São Eustáquio, São Egídio, São Mago, Santa Margarida, Santa Catarina e Santa Bárbara.

Santo Erasmo é o que se chama vulgarmente São Telmo, especialmente na Itália, Espanha, França, Sicília e Portugal; nome corrompido, ou ao menos abreviado, pelos marinheiros do Mediterrâneo, por quem o santo é singularmente invocado nas tempestades e perigos do mar; e sua particular proteção, que neles se experimenta, foi ocasião de se chamarem fogos de Santelmo aquelas exalações que nas borrascas costumam ver-se sobre os mastros dos navios e são presságios de próxima serenidade.

Martirológio Romano

Em Roma, a festa dos santos mártires Marcelino, presbítero, e Pedro, exorcista, os quais, instruindo muitas pessoas na fé durante seu encarceramento no tempo de Diocleciano, foram agrilhoados, atormentados de mil modos e depois condenados pelo juiz Severo a ser decapitados no lugar chamado Selva Negra, chamada depois Selva Branca em honra dos santos mártires. Seus corpos foram sepultados numa gruta ao lado de São Tibúrcio. O papa São Dâmaso compôs em seu louvor uns versos que foram gravados sobre a lápide de seu sepulcro.

Na Campânia, Santo Erasmo, bispo e mártir, que sob Diocleciano foi primeiro açoitado com chumbadas, moído a pauladas, banhado com pez e resina, enxofre e chumbo derretido, com cera e azeite fervendo, o que, ao que parece, nenhum mal lhe fez. Depois, no tempo de Maximiano, padeceu ainda em Formias diferentes atrozes tormentos; mas o Senhor o conservou para fortalecer os demais. Enfim, aprouve ao Senhor chamá-lo a si com a gloriosa morte do martírio.

Em Lião, na França, os santos mártires Potino, bispo, Mauro, Pôntico, Biblis, Átalo, Alexandre e Blandina, com muitíssimos outros, cujos grandes e repetidos combates sob Marco Aurélio e Lúcio Vero estão descritos na carta que a igreja de Lião escreveu às da Ásia e da Frígia. Santa Blandina, não obstante a debilidade de seu sexo, a delicadeza de complexão e a humildade de sua condição, foi a que sustentou mais prolixos e acerbos tormentos e, mantendo-se firme como uma rocha, foi degolada, seguindo assim os que um momento antes exortava à palma do martírio.

Na diocese de Laon, Santo Augis, confessor, cujo corpo está em São Miguel de Thiérache.

No mesmo dia, São Senécio, martirizado com muitos outros de ambos os sexos.

Em Alexandria, o martírio de quarenta moradores da dita cidade, em companhia de algumas donzelas, que o duque Sebastião mandou matar, impulsionado por Jorge, bispo ariano intruso no lugar de Santo Atanásio.

Nos confins do Egito e da Etiópia, Santa Teemeda, martirizada com seus filhos.

Em Trani, na Apúlia, São Nicolau, o Peregrino, cujos milagres foram autenticados num concílio de Roma celebrado sob Urbano II.

Missa (oração)

A missa é do comum de muitos mártires, e a oração é a que se segue:

> **Latim:** *Deus, qui nos annua beatorum martyrum tuorum Marcellini, Petri atque Erasmi solemnitate lætificas: præsta, quæsumus; ut quorum gaudemus meritis, accendamur exemplis. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que cada ano nos alegrais com a solenidade de vossos bem-aventurados mártires Marcelino, Pedro e Erasmo, concedei-nos, suplicamo-vos, que, ao mesmo tempo que nos alegram seus merecimentos, nos acendam seus exemplos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 8 do apóstolo São Paulo aos Romanos.

Romanos 8,18-23

> **Latim:** 18 Existimo enim quod non sunt condignæ passiones hujus temporis ad futuram gloriam, quæ revelabitur in nobis. 19 Nam exspectatio creaturæ revelationem filiorum Dei exspectat. 20 Vanitati enim creatura subjecta est non volens, sed propter eum, qui subjecit eam in spe : 21 quia et ipsa creatura liberabitur a servitute corruptionis in libertatem gloriæ filiorum Dei. 22 Scimus enim quod omnis creatura ingemiscit, et parturit usque adhuc. 23 Non solum autem illa, sed et nos ipsi primitias spiritus habentes : et ipsi intra nos gemimus adoptionem filiorum Dei exspectantes, redemptionem corporis nostri.

Português: 18 Porque eu tenho para mim, que as penalidades da presente vida não tem proporção alguma com a gloria vindoura que se manifestará em nós. 19 Pelo que a expectação da creatura, he esperar anciosamente a manifestação dos filhos de Deos. 20 Porque a creatura está sujeita á vaidade, não por seu querer, mas pelo d'aquelle, que a sujeitou com a esperança: 21 porque tambem a mesma creatura será livre da sujeição á corrupção, para participar da liberdade da gloria dos filhos de Deos. 22 Porque sabemos que todas as creaturas gemem, e estão com dores de parto atégora. 23 E não só ellas, mas tambem nós mesmos, que temos as primícias do Espírito: tambem nós gememos dentro de nós mesmos, esperando a adopção de filhos de Deos, a redempção do nosso corpo.

Nota

«Escreveu esta epístola em Corinto, no ano 57 do nascimento de Cristo, vinte e quatro depois de sua morte, e foi enviada por mão de Febe. O ânimo do Apóstolo, ou, melhor dizendo, o intento do

Espírito Santo, era instruir por meio dela não só os fiéis de Roma, mas todos os espalhados por todo o mundo; e por isso se escreveu em grego, que então era a língua universal, familiar até às mulheres de Roma e quase comum a todas as nações.»

Reflexões

As tribulações desta vida não têm proporção com a glória futura. Padece-se neste mundo, é verdade; em toda parte nascem as cruzes; são frutos de todos os tempos, produzem-nos todos os climas; não há estado, não há condição que esteja isenta delas.

Até a mesma virtude cristã, único princípio do verdadeiro mérito, a que parece deveriam perdoar as cruzes, não só as fomenta, mas muitas vezes ela mesma as produz, como quem não pode viver sem elas. Poucos santos há no céu que não misturassem a bebida com suas lágrimas, e menos ainda que eles mesmos não cultivassem as cruzes para que crescessem melhor. Poucos servos de Deus se contentaram com as cruzes e com os espinhos que nasciam, por assim dizer, em seu próprio terreno. Que estudo, que cuidado, que indústrias tão engenhosas para macerar sua carne, para mortificar seus sentidos, para humilhar seu espírito, para crucificar seu corpo, para aniquilar seu amor-próprio! As mais duras, as mais ásperas mortificações não bastavam para saciar a fome que tinham de padecer. Adversidades, perseguições, desprezos, humilhações, desgraças: este era o patrimônio dos santos; com estas sombras se há de pintar seu retrato. Acrescenta a tudo isso o que padeceram os mártires: forcas, cadafalsos, fornos acesos, unhas aceradas: *non sunt condignæ* : nada disto tem proporção com o prêmio. Mas não penses que só não tem proporção com ele aquela glória futura, aquela felicidade dos bem-aventurados, aquele gozo do Senhor em que estão como embebidos depois desta miserável vida, e que é fora de todo preço, sem medida, sem limites, sem termo. Tampouco têm proporção com aquele consolo interior, com aquela doçura, com aquela oculta suavidade, com aquela espiritual alegria que acompanha as tribulações, que faz o jugo do Senhor tão suave e sua carga tão leve. Vale muito menos tudo quanto se pode padecer por merecê-lo. Meu Deus, que consolo de maior satisfação, que gosto mais doce nem mais requintado que o que causa na hora da morte a memória de uma vida obscura, humilde e mortificada! *Superabundo gaudio in omni tribulatione nostra*: transbordo de alegria no meio de todas as minhas tribulações, dizia o apóstolo São Paulo. Esta é a linguagem dos santos; as almas justas não gostam de outro idioma. Quando pensarão, quando falarão assim esses venturosos do mundo, esses homens de deleite, esses idólatras das diversões! Mas de onde nascerá que, no meio de todas essas festas, no meio de todos esses caminhos largos, semeados todos de rosas e de flores, no mesmo tempo em que tudo lhes sorri, nessa série de prosperidades e perpétuo enlace de gostos e de entretenimentos, experimentam tão turbada, tão misturada de amarguras a sua alegria? Para que seja toda artificial? Para que seus dias sejam tão pouco serenos e tão pouco tranquilos? Não logram gosto que não seja insubstancial, inquieto, atropelado, misturado com fel e com acíbar. Não podem separar de suas festas os desgostos e os dissabores; as inquietações, a turbação e os remorsos os acompanham por toda parte; e este é todo o seu prêmio, este todo o fruto de seus trabalhos. Que fruto tão amargo! mas não têm outro. No meio disso padecem; também os contratempos os acometem; têm de aguentar gravíssimas pesares. Padecem; e é bem

seguro que se padece mais no serviço do mundo que no serviço de Deus. Ao menos é muito certo que no serviço do mundo se padece sem alívio, sem consolo, sem fruto e sem recompensa; mas quanto se padece no serviço de Deus não tem proporção com a glória futura.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 21 de São Lucas.

Lucas 21,9-19

> **Latim:** 9 Cum autem audieritis prælia et seditiones, nolite terreri : oportet primum hæc fieri, sed nondum statim finis. 10 Tunc dicebat illis : Surget gens contra gentem, et regnum adversus regnum. 11 Et terræmotus magni erunt per loca, et pestilentiæ, et fames, terroresque de cælo, et signa magna erunt. 12 Sed ante hæc omnia injicient vobis manus suas, et persequentur tradentes in synagogas et custodias, trahentes ad reges et præsides propter nomen meum : 13 continget autem vobis in testimonium. 14 Ponite ergo in cordibus vestris non præmeditari quemadmodum respondeatis : 15 ego enim dabo vobis os et sapientiam, cui non poterunt resistere et contradicere omnes adversarii vestri. 16 Trademini autem a parentibus, et fratribus, et cognatis, et amicis, et morte afficient ex vobis : 17 et eritis odio omnibus propter nomen meum : 18 et capillus de capite vestro non peribit. 19 In patientia vestra possidebitis animas vestras.

Português: 9 E quando ouvirdes fallar de guerras, e de tumultos, não vos assusteis: estes cousas sim devem succeder primeiro, mas não será logo o fim. 10 Então lhes dizia: Levantar-se-ha nação contra nação, e reino contra reino. 11 E haverá grandes terremotos por varias partes, e epidemias, e fomes, e aparecerão cousas espantosas, e grandes sinaes do ceo. 12 Mas antes de tudo isto lançar-vos-hão elles as mãos, e perseguir-vos-hão entregando-vos ás synagogas, e aos carceres, levando-vos á presença dos reis, e dos governadores, por causa do meu nome: 13 e isto vos será occasião de dardes testemunho. 14 Gravai pois nos vossos corações, o não premeditar como haveis de responder: 15 porque eu vos darei huma boca, e huma sabedoria, á qual não poderão resistir nem contradizer todos os vossos inimigos. 16 E sereis entregues por vossos pais, e irmãos, e parentes, e amigos, e farão morrer a alguns de vós outros: 17 e sereis aborrecidos de todos por causa do meu nome: 18 entretanto não se perderá hum cabello da vossa cabeça. 19 Na vossa paciência possuireis as vossas almas.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que não há virtude mais necessária nem mais útil que a paciência cristã. Ela é, falando com rigor, o remédio universal e quase o único que nos faz encontrar algum alívio em nossos trabalhos. «A paciência vos é necessária (diz São Paulo) para que, fazendo a vontade de Deus, experimenteis o efeito de suas promessas»; sem esta virtude todas as demais não fazem mais que despontar, porque sem paciência não há perseverança. O combate é dilatado, porque toda a vida é uma contínua guerra; a vitória supõe a paciência, e a coroa sempre se deve a esta importante virtude.

Cultivamos, por assim dizer, uma terra ingrata; a roça, os matagais e os espinhos nascem debaixo dos pés; arrancam-se e voltam a brotar; em todas as condições picam; nem o trono está isento deles; sem o socorro da paciência suas pontas não só punzem, mas despedaçam; só a paciência as embota: *com nossa paciência possuiremos nossas almas*: isto é, com ela dominaremos nossas paixões. A paz e a tranquilidade da alma são seu primeiro fruto. Nenhuma coisa acalma tanto a inquietude e a agitação do espírito como a paciência; tranquiliza os ímpetos de uma idade ou de um gênio excessivamente fogoso; sossega todas as inquietações e é o único segredo que há para viver sempre contentes.

Meu Deus, quantos dissabores, e até quantos pecados evitaríamos, se tivéssemos um pouco mais de paciência! O copioso manancial de todas as nossas inquietações é nossa impaciência, ou ao menos de toda a amargura que experimentamos em nossos contratempos e em nossos inimigos. Quando não consuma todo o fel que exprimem contra nós, quando não extinga todo o seu ódio, ao menos faz inúteis todos os seus esforços. A paciência é a virtude das almas grandes; é a de todos os santos: que razão haverá para que não seja também a nossa?

Segundo ponto

Considera que não há coisa mais inútil, menos racional nem mais nociva que impacientar-se. Os desgostos, as pesares e os contratempos são os que produzem e os que fomentam as impaciências; isto é, nossa indignação e nossa cólera com tudo aquilo que nos enfada. Mas bem: se o que nos enfada não está em nossa mão; se os contratempos não dependem de nós; se não se puderam prevenir nem evitar essas desgraças; se a verdadeira origem de nossas inquietações e de nossos enfados somos nós mesmos, que coisa mais inútil nem mais extravagante que impacientar-se? Porque, afinal, que coisas são as que costumam impacientar-nos? Uma doença molesta e dilatada; um temporal enfadonho; um criado rústico, tonto e desajeitado; talvez nossa pouca habilidade e nossa pouca destreza irritem o mau humor e causem nossas impaciências; mas em tudo isso que razão teremos para inquietar-nos? Corrijamos o que depende de nós; remediemos o que está em nossa mão; mas o que sai da esfera de nosso poder, por que nos há de pôr de mau humor? Que juízo faríamos de um homem que se encolerizasse e rogasse pragas porque o sol se punha muito cedo ou saía muito tarde? Pois, em verdade, são menos extravagantes as causas que

de ordinário motivam nossas impaciências? Elas são sempre indícios de um coração pouco sereno, de um gênio avinagrado e de umas paixões vivas, dominantes e nada mortificadas. Tristes frutos de um terreno tão vicioso como inculto.

Quantas vezes precipita a impaciência em palavras cuja indiscrição se chora por muito tempo! Quantos ímpetos, quantos arrebatamentos perderam a muitos homens de bem e arruinaram muitas famílias! Em nenhuma coisa se mostra mais a virtude que na paciência; nenhuma desacredita tanto a devoção; nenhuma parece mais contrária a um coração verdadeiramente cristão; nenhuma estraga mais os frutos do bom exemplo que um natural inquieto e pouco sofrido. É preciso ser dono de suas paixões; é preciso tê-las domado por longo tempo; é preciso ter-se feito muita violência para possuir sua alma pela paciência. Sabes por que és impaciente? Porque não és mortificado.

Meu Deus! já que me destes a conhecer a necessidade que tenho desta importante virtude, concedei-ma por vossa bondade e misericórdia. Senhor, pois vós me destes tantos e tão admiráveis exemplos de paciência, outorgai-me também a mesma amável virtude.

Jaculatórias

> *Nonne Deo subjecta erit anima mea? ab ipso enim salutare meum.* Sl 61.

Minha alma, por que não hás de estar sempre sujeita à vontade do Senhor, uma vez que só ele é, e só dele esperas tua salvação?

> *Exspecta Dominum; viriliter age: et sustine Dominum.* Sl 26.

Ânimo, minha alma; sofre com fortaleza teus trabalhos e confia no Senhor.

Propósitos

1. Por via de regra, não há coisa mais irracional que o motivo de nossas impaciências. Enfadamo-nos contra o rigor do tempo, contra a intempérie do ar, contra a situação do lugar, contra as incomodidades do vento e da chuva. Chocam-nos a extravagância dos gênios, a figura dos outros, seus modos, o som de sua voz: tudo nos dá no rosto. Uma leve indisposição, qualquer destempero nos põe melancólicos, tétricos, fastidiosos, insuportáveis. Fatiga-nos um gênio intrépido e um gênio pesado. Uma resposta menos discreta, uma palavra inconsiderada, um acidente imprevisto nos põe de mau humor. Umas vezes nos desgosta a taciturnidade, e outras a loquacidade das pessoas.

Até nossos próprios defeitos nos fazem impacientes; por vezes enche-nos de cólera nossa insuficiência e nossa tolice, sendo o pior que o pagam os outros. Quantas vezes alguém se impacienta contra o instrumento que toca ou contra a pena com que escreve! Mas quem terá a culpa? São estes motivos racionais para turbar a paz de um homem e talvez a de toda uma família? E, quando alguma vez tivéssemos razão, seria justo que os que não se sentam a jogar pagassem pelos que perdem? Já que nós não temos virtude para levar com paciência os dissabores da vida, hão de carregar com nossos enfados aqueles que nos tratam? Pode haver maior injustiça? Impõe-te uma lei de não te mostrar jamais enfadado, ou ao menos de não fazer que carreguem outros com a amargura de teu coração. Certamente não são os outros os que acendem tua cólera; tu mesmo és quem aplica o fogo. Se conheces que vão levantando-se os primeiros ímpetos ou excitando-se as primeiras faíscas da ira, irritada por algum objeto, não partas de corrida; não respondas de repente; dilata a correção para outro tempo; muda a conversa e, se puder ser, muda também de objeto, mostrando mais doçura e agrado. Com um pouco de resolução e vigilância evitarás muitos deslizes.

2. Não há coisa mais oposta à virtude e à verdadeira devoção que a impaciência; vício que desde logo acredita a imortificação de quem o tem. Um devoto impaciente faz muito agravo à virtude; pois ser impaciente e fazer profissão de uma vida exemplar parece espécie de quimera. Olha com horror este grosseiro defeito. Que mal, que trabalho curam ou aliviam as impaciências? Pelo contrário, só servem para torná-los mais pesados e para perpetuá-los. Toma desde logo a generosa resolução de não te mostrares nunca mais aprazível nem mais manso que quando sentes o coração mais cheio de amargura. Nem concebas que isto é sumamente difícil, ainda que assim o pareça às almas covardes e dominadas de suas paixões. Que paciência não se tem com um velho enfadonho, com um enfermo inquieto, com um parente extravagante de quem se espera uma rica herança? Que paciência hão mister e efetivamente gastam os que servem na guerra, os que assistem na corte? Quanto têm que sofrer e dissimular para não desgostar o soberano ou o ministro! E não merecerá Deus que se tenha tanta paciência por servi-lo e agradá-lo? Seja esta virtude a que de agora em diante te distinga e te caracterize.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:51 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:51 by Admin